

HERMANO JOSÉ: o percurso de um artista em prol da natureza

HERMANO JOSÉ: the path of an artist in favor of nature

Wilton Terto Leal
Universidade Federal da Paraíba – wilton_terto@hotmail.com
Maycon José Alves de Andrade Albuquerque
Universidade Federal da Paraíba – maycon.andradw@gmail.com
Marisa Pires Rodrigues
Universidade Federal da Paraíba – rodriguesmp@hotmail.com

Resumo: O estudo analisa a documentação e a trajetória pessoal e artística do pintor Hermano José, visando compreender sua atuação no cenário artístico, sua militância ecológica e sua atividade como docente no Departamento de Artes da Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Abrange sua mudança para a cidade do Rio de Janeiro, onde frequenta Oficina de Pintura no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro — MAM RJ, sua iniciação nos estudos de gravura, no Liceu de Artes e Ofícios RJ, seu aperfeiçoamento no curso de Pintura no MAM RJ, sua experiência como aluno bolsista na Oficina de Gravura do MAM RJ, em 1959. Seu esforço nas tentativas para implantação do Projeto do Parque Nacional do Cabo Branco. Sua busca na criação de um museu de arte na cidade de João Pessoa, que se concretiza com a criação da Pinacoteca da UFPB, no ano de 1987 e com a doação de toda a sua coleção: objetos de arte, livros, discos, suas pinturas, gravuras, desenhos para a UFPB e posteriormente a criação do Museu Casa de Cultura Hermano José, em 2017. Aborda também sua relação com as instituições de arte da cidade de João Pessoa, a partir dessa perspectiva buscamos compreender o seu papel na preservação do patrimônio histórico material e imaterial, assim como sua contribuição para as artes plásticas no estado da Paraíba. Como aporte metodológico propomos um estudo exploratório de caráter qualitativo, baseado em pesquisa bibliográfica e em entrevistas veiculadas em jornais e sites, assim como análise de documentação das obras que integram a coleção Hermano José, na UFPB, sendo esta última a principal fonte de pesquisa.

Palavras-chave: Hermano José. Artista. Museu. Ecologia. Preservação.

Abstract: The research analyzes the documentation and personal and artistic trajectory of the artist Hermano José, aiming to understand his performance in the artistic scene, ecological militancy and life as a teacher in the Department of Arts of the Federal University of Paraíba - UFPB. It discusses his move to the city of Rio de Janeiro, where he attends Painting Workshop at the Museum of Modern Art of Rio de Janeiro - MAM RJ, his initiation in engraving studies at the Lyceum of Arts and Crafts RJ, his improvement in Painting course at MAM RJ, his experience as a student at the MAM RJ Printmaking Workshop in 1959. His efforts in the implementation of the Cabo Branco National Park Project, his search for the creation of an art museum in the city of João Pessoa, which took shape with the creation of the UFPB Pinacoteca in 1987 and with the donation of his entire collection: objects of art, books, records, paintings, engravings, drawings for the UFPB and later the creation of the Museu Casa de Cultura Hermano José in 2017. It also discusses its relation with the art institutions of the city of João Pessoa. From this perspective, we seek to understand its role in the preservation of the material and immaterial historical patrimony, as well as its contribution to the plastic arts in the state of Paraíba. As a methodological contribution, we propose an exploratory study of a qualitative nature, based on bibliographical research and interviews carried out in newspapers and websites, as well as an analysis of the documentation of the works that make up the Hermano José collection at the UFPB, which is the main research source.

Keywords: Hermano José. Artist. Museum. Ecology. Preservation.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho tem por objetivo analisar e apresentar a trajetória de militância do artista Hermano José Guedes (1922-2015) em prol da sustentabilidade, da cultura e da arte no estado da Paraíba, deixando um registro visual da memória de espaços naturais já bastante degradados devido ao urbanismo desenfreado e a falta de consciência ecológica dos agentes políticos no estado.

Responsável pela fundação da Pinacoteca na Universidade Federal da Paraíba — UFPB, o pintor, gravador, ativista cultural e ecológico, dedicou sua vida além da preservação ambiental à criação do primeiro museu de arte na cidade de João Pessoa. Seu empenho foi expresso através de suas pinturas, gravuras e manifestos constantemente divulgados na imprensa local, denunciando a destruição das paisagens e mananciais naturais. Dedicou-se, desde a década de 50, a representar o até então, quase intocado litoral paraibano, especialmente a barreira do Cabo Branco — ponto mais oriental das Américas — e a Barra de Gramame, no município do Conde.

Funcionário do Banco do Brasil, em 1956 foi transferido para o Rio de Janeiro e em 1958 ingressou no Liceu de Artes e Ofícios, primeira escola de gravura do Brasil, onde iniciava-se na técnica de gravura com o professor Orlando Da Silva. Em 1959 matricula-se no curso de pintura do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, MAM RJ, ministrado pelo artista Ivan Serpa. Seu trabalho, no entanto, não abandonou sua principal temática, a natureza, visível nas formas e texturas empregadas nas gravuras.

Nesse período, o Rio de Janeiro vivia uma intensa efervescência cultural, situação oportuna onde o artista “pôde participar de um dos momentos mais originais e importantes na arte brasileira, que foi o *atelier* de gravura do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro” (BECHARA FILHO, 2003, p.11), tendo à frente o franco-alemão Johnny Friedlaender, e como assistentes Rossini Perez e Edith Behring, assumindo a oficina como professores quando Friedlaender retorna a Paris. O projeto teve por base curricular a gravura em metal, sendo oferecidas, na ocasião, cinco bolsas de estudo integrais para artistas de todo o Brasil, das quais Hermano José foi um dos contemplados. Esta experiência há que se destacar

também, foi fundamental para contribuir no seu importante papel de educador na UFPB, onde ingressou, como professor em 1985, ministrando o curso de gravura em metal.

Este trabalho se justifica devido ao papel ímpar exercido por Hermano José na luta pela preservação dos patrimônios materiais e imateriais do estado da Paraíba, tendo como diferencial a pesquisa focada no seu ativismo ecológico, tal qual o seu incansável esforço pelo estabelecimento de uma instituição de arte na cidade de João Pessoa.

2 METODOLOGIA

Como aporte metodológico temos como proposta, o estudo exploratório de caráter qualitativo, baseado em pesquisa bibliográfica e em entrevistas veiculadas em jornais e sites, assim como análise de documentação das obras que integram a coleção Hermano José, na UFPB, sendo esta a principal fonte de pesquisa. Essa documentação, devidamente organizada e catalogada permite uma seleção de documentos mais pertinentes a esse trabalho.

Este trabalho, assim como toda documentação de doação feita pelo professor Hermano José, esta disponível para pesquisa na sala que leva o seu nome no segundo andar da Biblioteca Central do Campus I da UFPB.

A intenção metodológica é de disseminar a atuação meritória do artista na criação de espaços culturais na cidade de João Pessoa e seu engajamento na preservação do patrimônio histórico, cultural e natural do estado da Paraíba para que sua importância histórica e militância ecológica em defesa do meio ambiente sejam reconhecidas.

3 PROJETO NACIONAL DO PARQUE CABO BRANCO

Hermano foi amigo do artista, arquiteto e paisagista Burle Marx, com quem compartilhava o ideal de preservar a natureza, quando nessa época não existia essa preocupação ecológica, seja decorrente da sociedade ou por meio dos poderes públicos. Roberto Burle Marx foi um arquiteto paisagista, conhecido por sua preocupação com a natureza e toda a sua trajetória foi voltada para esta questão, como principais projetos: Jardins do Aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro; Paisagismo do Eixo Monumental, em Brasília e Parque do Ibirapuera, em São Paulo.

Em João Pessoa Burle Marx iniciou projetos nunca concretizados, destacando-se o projeto Nacional do Parque do Cabo Branco, nos anos 80, este tinha como intuito preservar e conservar o patrimônio ecológico do ponto mais oriental das Américas, em virtude da fragilidade desse acidentado terreno geográfico. O Cabo Branco é composto de uma falésia¹ viva que está em contato com o mar e também de uma falésia morta quando distante dele, além de sofrer o desgaste natural pela natureza, também é acometido pela devastação antrópica.

Hermano José foi um dos primeiros artistas plásticos paraibanos a pintar a falésia do Cabo Branco, foi com estas obras que passou a ser visto como ativista de uma causa ambiental, pela qual começou registrando, por meio de suas pinturas e gravuras, a sua degradação, dando visibilidade a destruição pela falta de incentivo de políticas públicas voltadas para a preservação do espaço. No entanto, o artista não reclamava para si um título de ativista, o que não desmerece a importância de seus feitos. Escreveu poemas, crônicas em jornais da cidade, apontando os equívocos das autoridades frente ao meio ambiente e a preservação dos bens culturais do estado da Paraíba. Suas pinturas são registros históricos que servem para comparar como era antes e como está atualmente, evidenciando sua preocupação com a preservação ambiental, metas futuras estipuladas pela Agenda 2030².

O projeto de Burle Marx tinha como princípio preservar a harmonia paisagística através da construção de uma barragem de falsos arrecifes que protegeriam a base da falésia da erosão causada pelas ondas mar. As águas de uma represa no rio do Cabelo iriam auxiliar seu reflorestamento, enquanto estradas e equipamentos de apoio turístico seriam recuados, evitando assim a indesejável poluição e destruição do local pelo homem, como revela a correspondência abaixo de Burle Marx para Hermano José.

¹ Recebe o nome de falésia a formação litorânea que é produto direto de processos erosivos naturais, relacionado a oscilações do nível relativo do mar e mudanças nas condições climáticas que ocorrem há cerca de milhões de anos.

São dois os tipos de falésias, classificadas de acordo com a influência do processo erosivo: as falésias vivas, onde tal processo ainda se opera, e as falésias mortas, onde o processo erosivo já cessou. As falésias mortas fornecem pistas sobre a atividade oceânica e mostram até onde o mar já avançou. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/geologia/falesia/>>. Acesso em 6 de set. de 2018.

² A Agenda 2030, corresponde a um conjunto de programas, ações e diretrizes que orientarão os trabalhos das Nações Unidas e de seus países membros rumo ao desenvolvimento sustentável.

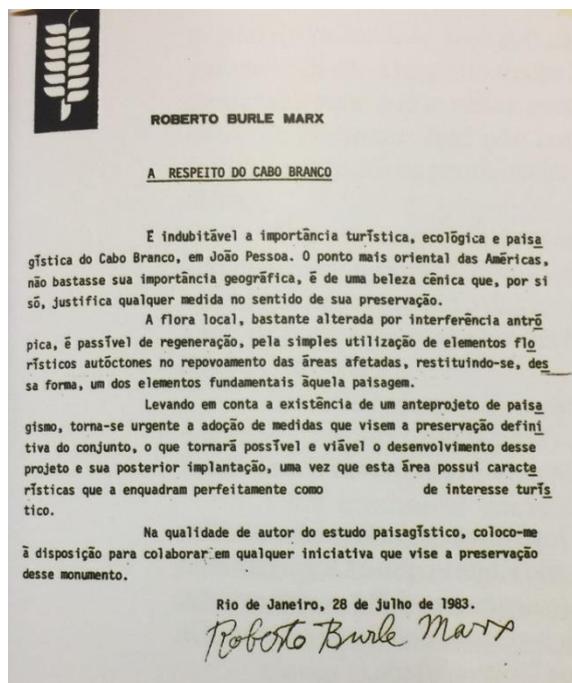


Figura 1: Carta enviada de Burle Marx para Hermano José. (ANDRADE, 2013, p.71)

Nas diversas reuniões de trabalho para a elaboração do projeto, seja no palácio da redenção (sede governo do estado da Paraíba, em João Pessoa) ou reconhecendo a área do projeto, Hermano sempre esteve presente com Burle Marx. Apesar do forte empenho e consciência da importância da preservação do ecossistema de uma parcela da sociedade, comunidade acadêmica, militantes ambientalistas e o IPHAEP (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba), os esforços não foram suficientes para que o projeto saísse do papel.

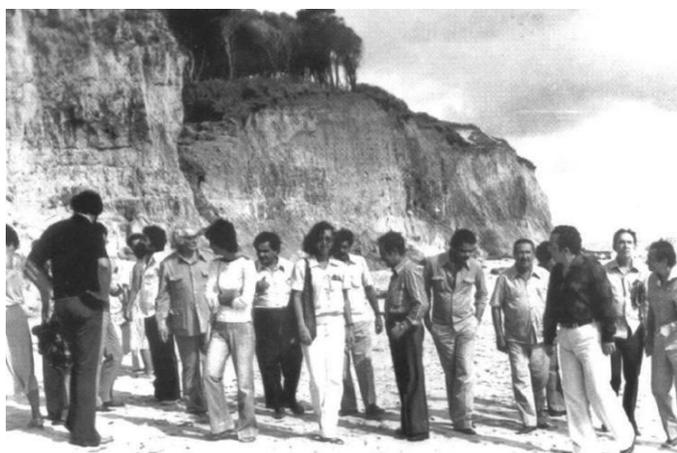


Figura 2: Burle Marx, Hermano José, Tarcísio Butiry e pessoas não identificadas em visita à falésia do Cabo Branco, s/data. . Fonte: Acervo Pinacoteca-UFPB

Atualmente o Cabo Branco por não ter tido nenhuma ação para conter a erosão, perdeu suas características naturais. Ao voltar para o Rio de Janeiro, Burle Marx, elaborou o projeto e enviou para João Pessoa, mas diante de interesses comerciais e a crescente especulação imobiliária naquela área, incapacitou a realização do projeto gerando o descontentamento do paisagista, como relata a conversa entre Linduarte Noronha e Burle Marx:

“Uma vez, estou em casa, quando toca o telefone, era Burle Marx, logo ele. Ai ele fez uma queixa muito chata. Linduarte eu vou dizer uma coisa a você, o único lugar do mundo que desmoralizou meu trabalho foi a Paraíba. Isso foi muito chato, [...]” (NORONHA, 2002).

O processo de desgaste de falésias é algo natural, mas com a urbanização desenfreada e o desmatamento da vegetação que é responsável pela sustentação e preservação, resulta em uma aceleração do processo de erosão, como podemos ver na imagem abaixo:



Figura 3: Fonte: Correio da Paraíba. Foto:Rafael Passos. 2017.



Figura 3. Hermano José. "CABO BRANCO". 1952. 69 x 82,5cm. Óleo s/tela – Acervo UFPB

Em maio de 2007, Hermano José é agraciado com a Comenda Verde da Assembleia Legislativa do Estado da Paraíba, como reconhecimento pelas iniciativas em defesa ao meio ambiente.

4 HERMANO JOSÉ E SUA RELAÇÃO COM INSTITUIÇÕES DE ARTE

A trajetória artística de Hermano José se inicia em 1946, quando foi convidado para integrar, como docente no Centro de Artes Plásticas da Paraíba, “entidade privada com o objetivo de incrementar uma tentativa de inserir o ensino de desenho e pintura em João Pessoa” (ANDRADE, 2013, p.33). Esse espaço foi a primeira tentativa de implantação de um ensino de arte no estado, resultando em pinturas que fundamentalmente retratavam a paisagem e as ruas da cidade. Nos anos 80 assumiu a Coordenação de Artes Plásticas do Espaço Cultural José Lins do Rego onde lecionou desenho em local improvisado, sem estrutura adequada. Entretanto, ainda continuou engajado no seu projeto de criação de um museu, sem sucesso.

Diante da impossibilidade de realização dos projetos do Museu de Arte em João Pessoa e do Parque Nacional do Cabo Branco, Hermano José decide participar da seleção de professor para o departamento de Artes da UFPB, sendo admitido após prova de títulos. Rapidamente conseguiu fundar o *Atelier* de Gravura em Metal, em funcionamento até os dias de hoje. “Para viabilizar o projeto, ele sugeriu que o Departamento de Arte obtivesse junto à Legião Brasileira de Assistência — LBA — uma prensa, vendendo uma sua que mandara construir no Rio de

Janeiro” (ANDRADE, 2013, p.72). Desse *atelier* alguns jovens artistas vivenciaram a experiência da gravura, como Martinho Patrício, Clóvis Jr. e Walter Wagner, atuam ainda como artistas.

Ao entrar para a universidade ele encontrou um acervo de arte disperso, composto por obras de Francisco Brennand, Miguel dos Santos, João Câmara, dentre outros. As obras encontravam-se espalhadas pelos departamentos e sem o devido cuidado. Foi quando então, Hermano José idealizou o projeto de uma Pinacoteca na UFPB, empreitada que contou com o apoio da professora e poetisa Célia Maria Costa de Carvalho. Essa parceria rendeu frutos, e em 1987 conseguiu finalmente consolidar esse que seria o primeiro museu de arte em João Pessoa, a Pinacoteca UFPB. Agregando a esse acervo, além das obras que já faziam parte da instituição, pinturas advindas do período em que era docente do Centro de Artes da Paraíba, duplicando o acervo e aumentando a coleção.

Nos quatro anos em que esteve à frente da Pinacoteca, realizou diversas exposições e lançou vários artistas no cenário das artes paraibanas, como Martinho Patrício, cuja primeira individual se fez na Pinacoteca. Nesse mesmo ano o artista passa a compor o Conselho do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico do Estado da Paraíba – IPHAEP, onde defendeu, de forma militante, a preservação do acervo arquitetônico e paisagístico da capital e das principais cidades do interior.

5 MUSEU

Em 1975, ainda residindo no Rio de Janeiro, Hermano José foi convidado, pelo então governador, Ivan Bichara, para ser o seu assessor cultural com a missão de elaborar um projeto para a criação de um museu de arte na cidade de João Pessoa, que reunisse obras do século XIX até a arte contemporânea. Nessa ocasião, Hermano estava aposentado e já se interessava em colecionar objetos de arte sendo o pedido bem recebido: "o artista relatou que recebeu o convite, ficou lisonjeado, mas assim mesmo relutou, uma vez que já estava com vida tranquila [...]. Entretanto, os argumentos do governador foram convincentes"(ANDRADE, 2013, p.63). Hermano começou a trabalhar no projeto do Rio Janeiro e se correspondia com o governador acerca do assunto. Sua primeira ação após aceitar

o cargo foi criar uma comissão de artistas para colaborarem na criação do museu e procurarem um local apropriado para abrigar este museu na cidade de João Pessoa.

Inicialmente a primeira opção foi o edifício da faculdade Direito da Universidade Federal da Paraíba, mas apesar dos esforços, a proposta foi recusada pelos responsáveis do edifício. Foram feitas várias propostas aos gestores da UFPB, até mesmo a proposta de dividir o espaço com as atividades judiciais, mas todas foram recusadas. Outra opção seria a casa onde atualmente se localiza o Núcleo de Arte Contemporânea-UFPB — NAC-UFPB — mas devido ao local ser tombado, o que dificultaria uma reforma e ampliação o projeto foi mais uma vez impossibilitado de ser concretizado.

O governador, durante uma viagem encontra com o artista Antonio Dias e discute com ele sobre a intenção da criação do museu, logo ele decide criar uma proposta de um museu especificamente de arte contemporânea para João Pessoa, então o projeto não é bem aceito pela comissão organizadora, já que desde o início a intenção era um museu que contemplasse todos os estilos. Esse atrito entre comissão, artistas e governantes impossibilitou mais uma vez a implantação do museu, que não teve continuação com a mudança no governo do estado.

Em 1982 é inaugurado o Espaço Cultural José Lins do Rego, um projeto de Sérgio Bernardes que conta com escola de música, cinema, teatro, galeria de arte, planetário e biblioteca. Essa instituição, apesar de ter um acervo de arte, ainda não possui um museu, até os dias de hoje. Vale ressaltar que em 1980, durante a elaboração do projeto do espaço cultural, Hermano José apresentou um conjunto de sugestões para a implantação de um setor de artes plásticas e depois foi convidado a assumir a coordenação do mesmo setor no Espaço Cultural, se torna professor de desenho e é responsável pela primeira exposição de artistas locais nesse espaço.

Em 1987, quando Hermano já integrava o departamento de Artes Visuais da UFPB, conseguiu reunir o acervo disperso da universidade e finalmente, conseguiu criar o primeiro museu de arte de João Pessoa: a Pinacoteca da UFPB, com um acervo significativo acerca da arte paraibana e nordestina. A Pinacoteca passou a funcionar, de maneira provisória, no segundo andar da Biblioteca Central, onde está até hoje, de maneira precária. O Prédio que iria abrigar a Pinacoteca da UFPB — o Centro de Artes e Cultura — só começou a ser construído em 2011, mas suas obras foram interrompidas e até o momento não foi concluído.



*Figura 4: Maquete do Centro de Artes e Cultura da UFPB.
Fonte: Espaço experimental. 2010.*



*Figura 5: Atual situação do prédio que têm 97% da obra executada, entretanto os trabalhos encontram-se paralisados
Fonte: Click Pb. 2016.*

Hermano José reuniu um grande acervo pessoal ao longo da vida e uma das suas preocupações era o destino de toda a sua coleção: objetos de arte, livros, discos, suas pinturas, gravuras, desenhos. Em 2014, a UFPB aceitou uma doação, com parte desse acervo, com trinta e três obras, como consta no processo de doação número 23074.031779/2014-51, de 10 de julho de 2014, que atualmente se encontra de forma provisória em uma sala na Biblioteca Central da UFPB, esperando a conclusão do Centro de Artes e Cultura para por fim ser anexado ao acervo da Pinacoteca da UFPB.

Antes de falecer, o artista também doou à UFPB a casa em que residia, no bairro do Bessa em João Pessoa, com todo o seu acervo e pertences pessoais. Esse espaço hoje abriga o Museu Casa de Cultura Hermano José, inaugurado em 2017.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma com base na discussão apresentada, o artigo teve por objetivo analisar, apresentar e divulgar a trajetória desse artista. O estudo engloba o início da sua trajetória artística, ainda em João Pessoa, quando começa a sua militância ecológica. Aborda, ainda, sua transferência para o Rio de Janeiro, como funcionário do Banco do Brasil, seus estudos de gravura nesta cidade e seu retorno à Paraíba. Destaca sua atuação na tentativa de implantar um museu de arte na cidade e sua contribuição como docente na UFPB, lecionando no curso de gravura em metal. Constatamos que Hermano José deixou um legado de importância construtiva no desenvolvimento do ensino e difusão das artes e cultura na cidade de João Pessoa e no estado da Paraíba. Para além disso o engajamento em causas ambientais, expressos através de suas pinturas, gravuras, poemas e constantes manifestos feitos nos meios de comunicação, fazem com que a sua trajetória mereça ser compartilhada, auxiliando na contribuição de uma memória histórica acerca das dificuldades em implementar espaços de cultura e arte em nosso país.

Seu legado está presente na cultura paraibana através do seu acervo, generosamente doado e que hoje é fonte de pesquisa, objeto de exposições e orgulho para a UFPB.



REFERÊNCIAS

ANDRADE, Irismar Fernandes. **A Vida Luminosa de Hermano José**. João Pessoa: Sesc Paraíba, 2013.

ARQUITETO do Centro de Arte e Cultura da UFPB dá detalhes do projeto (Ed. 16/10/2010). **Espaço Experimental**, João Pessoa, 17 de out. de 2010. Disponível em: <<http://espaco-experimental.blogspot.com/2010/10/arquiteto-do-centro-de-arte-e-cultura.html>>. Acesso em: 8 de set. de 2018

Casa Brasileira Leilões de Arte, Disponível em: <<http://www.casabrasileira.art.br/artista/72/orlando-da-silva-/>>. Acesso em: 7 de set. de 2018.

GRAVURA BRASILEIRA HOJE: **Depoimentos** – III volume, coordenação Heloísa Pires Ferreira e Maria Luiz Luz Távora. Rio de Janeiro: Oficina de Gravura SESC Tijuca, 1997.

HERMANO José. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa216955/hermano-jose>>. Acesso em: 8 de set de 2018. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

MACENA, Graça. **Click PB**, João Pessoa, 28 de out. de 2016. Disponível em: <<https://www.clickpb.com.br/paraiba/mais-de-50-obras-emperradas-na-ufpb-causam-sucateamento-de-tecnologia-de-ponta-212541.html>>. Acesso em: 8 de set. de 2018

MARTINS FILHO, C. B. **Introdução ao conhecimento da gravura em metal**. Rio de Janeiro, PUC, Solar Grandjean de Montigny, 1981.

MEIRELES, Luciene. O perigo na falésia do cabo branco. **Correio da Paraíba**, João Pessoa, 24 de jan. de 2017. Disponível em: <<https://correiodaparaiba.com.br/cidades/joao-pessoa/o-perigo-na-falesia-do-cabo-branco/>>. Acesso em: 8 de set de 2018.

MESTRES DA GRAVURA. **Coleção Fundação Biblioteca Nacional**, 2011. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon1342857.pdf>. Acesso em: 24 de fev. de 2014.

NORONHA, Linduarte. João Pessoa, 24 out. 2002. Entrevista concedida a Almir Félix.

RODRIGUES, M.P. **Gravura Brasileira: A importância do Cenário Artístico no Século XIX**. Monografia para a obtenção de grau de Especialização em Artes apresentada às Faculdades Integradas de Jacarepaguá-FIJ, 2011.

TAVORA, M. L. L. **O Ateliê livre de gravura do MAM-Rio – 1959/1969 projeto pedagógico de atualização da linguagem**. Disponível em: <http://www.ppgav.eba.ufrj.br/wp-content/uploads/2012/01/ae15_maria_luisa_tavora.pdf> Acesso em: 28 de Maio de 2015.